

DF - Econ.

Retrato da crise 22 JAN 1994

Os números são inflexíveis e traduzem uma realidade do Distrito Federal neste período crítico da economia brasileira. Ao fechar-se o ano de 1993, registrou-se um universo de 773,3 mil pessoas em condições de trabalhar 111,6 mil das quais não conseguiram acesso ao mercado de trabalho. Portanto, o nível do desemprego ficou em 14,4 por cento.

Tal estatística faz parte da Pesquisa de Emprego e Desemprego divulgada pela Secretaria do Trabalho e contém um dado positivo: o número de desempregados caiu em 8,3 mil, numa comparação com o exercício de 1992.

Eis um outro quadro que reflete bem as dificuldades brasilienses nesta conjuntura adversa para o Brasil em seu todo: o do chamado comércio informal. Aí não há cifras exatas. Sabe-se, porém, de sua magnitude, pois, todo santo dia, novos contingentes de moradores do DF tramam de achar um "jeitinho" de fazer algum dinheiro. Muitos se valem de suas

próprias unidades habitacionais e acabam atraindo consumidores de diversas faixas. É o mundo de verdureiros, cabeleireiros, sacoleiras, oficineiros etc.

Toda essa atividade se desenvolve no Plano Piloto, mesmo no Lago Sul, rico e invejado, e também nas cidades-satélites, onde é mais intensa, por força do grau elevado do aperto coletivo.

Surge, então, a conclusão óbvia: as duas coisas (desemprego e comércio informal) têm relação íntima. O desempregado, se dispõe de meios, por escassos que sejam, cuida de mexer com o corpo e ganhar o seu sustento e da família, embora certa parcela de cidadãos entre no "negócio" para melhorar a renda ao fim do mês.

E tudo assim permanecerá, até o País contornar os obstáculos da atualidade e, finalmente, empreender a caminhada rumo ao desenvolvimento completo: material, cultural e social.